

MEMÓRIA DE COMUNIDADE E CONSTRUÇÃO DE MITOS: O CASO DE MARIA DEGOLADA

Alessander Kerber* y Cleber Cristiano Prodanov**

Resumo: No presente artigo, pretende-se analisar a identidade de um espaço da cidade de Porto Alegre: a Vila Maria da Conceição. Para tanto, utilizam-se depoimentos orais de moradores vinculados ao movimento musical, principal forma de expressão e de autorrepresentação daquela comunidade, e imagens tiradas do local. Além de diversos grupos musicais de samba, pagode, hip hop, entre outros estilos musicais, o principal centro articulador da sociabilidade dessa comunidade é a Escola de Samba Puro, tradicional no carnaval de Porto Alegre. Nos depoimentos e imagens, analisa-se a construção do mito da Maria Degolada, importante representação dessa identidade, uma vez que ela transformou-se no mito fundador da Vila Maria da Conceição, além de representar essa identidade de exclusão em relação, especialmente ao poder público, principalmente por ter sido degolada, exatamente, por um representante do poder público, no caso um policial. No lugar onde Maria Degolada está enterrada, foi construída uma pequena capela e vários moradores da comunidade, acreditando em seu poder milagroso, recorrem a ela para conseguir graças.

Palavras-chave: Maria Degolada, cidade, identidade, mito, comunidade.

Abstract: This article aims to analyze the identity of a space in the city of Porto Alegre: Vila Maria da Conceição. This is achieved through the use of oral testimonials of residents associated to the music scene (as music is the community's main form of expression and self-representation) and images taken at the place. In addition to various music groups of samba, pagode, hip hop, and other musical styles, the main sociability articulator in this community is the Escola de Samba Puro, traditional in Porto Alegre's carnival. In this testimonials and images, the construction of the Maria Degolada myth is analyzed. This myth is very important in the representation of the identity, once it has become the founding myth of Vila Maria da Conceição, in addition to representing this identity of exclusion, especially in relation to the public powers (Maria Degolada was decapitated by a member of the public power, a

* Doutor em História e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. alekerber@yahoo.com.br

** Doutor em História e professor do Centro Universitário FEEVALE. prodanov@feevale.br

policeman). A small chapel was built, in which Maria Degolada and many members of the community have been buried. Believing that she has miraculous powers, people from the community pray for grace to the myth.

Key Word: Maria Degolada, city, identity, myth, community.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo realizar un análisis de la identidad de un espacio de la ciudad de Porto Alegre: la Villa Maria da Conceição. Para eso, se utilizan testimonios orales de los habitantes vinculados al movimiento musical, principal forma de expresión y de autorrepresentación de aquella comunidad, e imágenes del lugar. Además de diversos grupos musicales de samba, pagode, hip hop, entre otros estilos musicales, el principal centro articulador de la sociabilidad de esta comunidad es la Escuela de Samba Puro, tradicional en el carnaval de Porto Alegre. En las declaraciones de los habitantes y en las imágenes, se analiza también la construcción del mito de Maria Degolada, importante representación de la identidad de la comunidad, una vez que ella se transformó en el mito fundador de Villa Maria da Conceição; asimismo, Maria Degolada representa una identidad de exclusión con relación, especialmente, al poder público, sobre todo por haber sido degollada justamente por un representante de ese poder, un policía. Se construyó una pequeña capilla donde está enterrada Maria Degolada y varios habitantes de la comunidad que creen en su poder milagroso recurren a ella para pedir gracias.

Palabras claves: Maria Degolada, ciudad, identidad, mito, comunidad.

Formada a partir das décadas de 40 e 50, a Vila Maria da Conceição, em Porto Alegre, foi construída ao redor do local onde está enterrado o corpo de uma moça assassinada no final do século XIX, a qual se tornou um mito que representa a identidade daquela comunidade, como se pretende analisar neste artigo.

Tratava-se de um caso de degola na cidade capital do estado do Rio Grande do Sul, ocorrido em 12 de novembro de 1899, quando Porto Alegre tinha aproximadamente 73 mil habitantes. Conforme a historiadora Sandra Pesavento:

“Tratava-se de mais um crime onde alguém era degolado, num estado onde recém terminara a Revolução Federalista de 1893 a 1895, tristemente conhecida como a ‘revolução da degola’. Um caso banal de violência, onde mais uma vez a mulher era a vítima? Talvez, mas este caso ficaria na memória de Porto Alegre, como integrante do imaginário religioso popular. Maria Degolada saiu do anonimato de uma vida de moça humilde, da banalidade de um cotidiano sem opções, para a memória de pobres da cidade [...]”¹

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os sete pecados da capital. Editora Hucitec (São Paulo), 2008, p. 345.

Nesse artigo, analisamos depoimentos tomados de moradores da Vila Maria da Conceição tomados em 2003. O projeto original tinha, como enfoque, analisar as manifestações musicais daquela comunidade e foi publicado em livro sob o título “Memória musical da Vila Maria da Conceição” (KERBER, 2004). Contudo, em diversos depoimentos aparecia a figura de Maria Degolada, mesmo que não se estivesse abordando essa questão. Também, quando o pesquisador Alessandro Kerber comentava sobre estar fazendo essa pesquisa em outros espaços da cidade, imediatamente surgiam questionamentos sobre ser o lugar de Maria Degolada. Parecia que tanto a comunidade da Vila Maria da Conceição quanto moradores de outros espaços da cidade de Porto Alegre identificavam a Vila com Maria Degolada. Isso gerou questionamentos que deram base para a realização de um projeto de pesquisa que focalizasse especificamente a memória acerca de Maria Degolada na perspectiva de analisar como esse mito relaciona-se com a identidade desta comunidade.

Mitos e identidades são representações presentes no imaginário social, sendo este o conceito fundamental que norteia este trabalho. Nesse sentido, cabem, aqui, referências sobre esse conceito. Pensadores como Chartier² e Bourdieu³ consideram que para se relacionar com o mundo real cada cultura constrói, a partir das práticas sociais, representações deste, as quais acabam orientando, novamente, as suas práticas sociais. As representações são, assim, a forma de conhecimento da realidade que cada sociedade constrói e reelabora através de lutas constantes. Salienta-se que diversas representações convergem e divergem em um mesmo tempo e espaço; o imaginário social é, justamente, um campo de lutas entre representações.

Para a compreensão do real, há um processo de significação e associação com símbolos já existentes no imaginário daquele grupo. Até o desconhecido é pensado a partir de símbolos já conhecidos. Uma realidade, assim, nunca é apreendida de forma pura, sempre é apropriada e simbolizada, consciente ou inconscientemente, pelos grupos que dela se aproximam. E é essa atribuição de sentido que permite perceber que as representações não são “ingênuas”, pois, apesar de se proporem a uma aproximação com a realidade, sempre são influenciadas pelos interesses do grupo que a produz. Como afirma Roger Chartier:

“As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade, de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem o utiliza. As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar

² CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Bertrand/Difel: Lisboa, 1990.

³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Bertrand/Difel: Lisboa, 1989.

um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso, esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio”⁴.

Outro elemento importante a salientar sobre as representações, aí especial enfoque nas representações míticas, é que elas não precisam seguir um rigor científico que comprove a sua veracidade. A sua força não está na comprovação científica como verdade, mas na capacidade de mobilização. Como afirma Bourdieu:

“A força das idéias [...] mede-se, não como no terreno da ciência, pelo seu valor de verdade (mesmo que elas devam uma parte da sua força à sua capacidade para convencer que ele detém a verdade), mas sim pela força de mobilização que elas encerram, quer dizer, pela força do grupo que as reconhece, nem que seja pelo silêncio ou pela ausência de desmentido, e que ele pode manifestar recolhendo as suas vozes ou reunindo-as no espaço”⁵.

A cidade é, antes de tudo, materialidade. Porém, como materialidade erigida pelo homem, também é sociabilidade e, ainda, sensibilidade e, como tal,

“É construção de um ethos, que implica na atribuição de valores ao que se convencionou chamar de urbano, é produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e que os representam; é percepção de emoções e sentimentos; é expressão de utopias, desejos e medos, assim como é prática de conferir sentidos e significados ao espaço e ao tempo, que realizam na e por causa da cidade”⁶.

Nesse sentido, a construção material e as divisões espaciais da cidade são, também, representações de construções imaginárias e divisões entre identidades. Cada cidade expressa, de variadas formas, uma identidade. No entanto, sendo a cidade, por excelência, o espaço da diversidade, em uma cidade existem várias identidades que se distinguem, através de suas alteridades, através de símbolos que definem o espaço de cada identidade.

Não sendo a cidade ou os espaços urbanos construções apenas concretas mas também imaginárias, frequentemente recorre-se a mitos e heróis para explicar a sua origem e, conseqüentemente, a identidade destes. Em “The gods of the city”, Ítalo

⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Bertrand/Difel: Lisboa, 1990, p. 17.

⁵ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Bertrand/Difel: Lisboa, 1989, p. 185.

⁶ PESAVENTO, Sandra Jatthy. “Memória, história e cidade. Lugares no tempo, momentos no espaço.”, em *ArtCultura*. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia (Minas Gerais), vol. 4, n° 4, 2002, p. 24.

Calvino ⁷ recorre à figura de deuses fundadores para explicar a origem e a dinâmica das cidades.

Na Grécia Antiga, por exemplo, a fundação da polis de Atenas é explicada a partir do mito da deusa Palas Atena⁸. Outro mito fundador do espaço urbano muito conhecido é o de Roma⁹. Esses mitos de fundação, frequentemente percebidos como absurdos dentro da nossa cultura cartesiana ocidental, não são uma invenção delirante sem nenhuma relação com o real. Através de mitos, as comunidades expressam o seu real, sendo que o imaginado tem valor de real para as pessoas que nele acreditam. Assim, enquanto a existência de um deus chamado Marte, associado às práticas de guerra, aos nossos olhos parece um absurdo tão grande quanto o fato de ele ter tido um filho que foi o fundador de Roma, para um romano da Antiguidade essa ideia poderia parecer bastante racional, dada, por exemplo, a grande belicosidade da civilização romana. Esse poderio militar romano poderia ser explicado pelo seu mito fundador: o deus Marte.

A Vila Maria da Conceição tem, também, seu mito fundador, uma personagem que ultrapassou, em muito, as fronteiras da Vila e, inclusive, da própria cidade: Maria Degolada. Diferentemente dos casos de Atena e de Rômulo, tem-se provas concretas da existência de uma moça que, no final do século XIX, foi degolada por um policial. Seu túmulo existe até hoje e foi construído pela própria comunidade, que o chama de Capelinha da Maria da Conceição. Para lá, levam-se flores e a ela pede-se ajuda, ou seja, para muitos, é considerada santa.

Conforme Sérgio da Costa Franco, a região da Vila Maria da Conceição:

“[...] se tornou conhecida como “Morro da Maria Degolada”, em memória de um homicídio ali ocorrido, quando um soldado da Brigada Militar degolou sua amante. Evidenciando o quanto a tradição oral pode desfigurar fatos e situações, Maria Degolada foi tida por santa e até uma capela foi construída em sua memória, atraindo a piedade e as preces de numerosos fiéis. Ary Veiga Sanhudo, consagrado cronista da cidade, dedicou-lhe uma crônica, que serviu de base informativa às anteriores edições deste Guia, para a tentativa de

⁷ CALVINO, Ítalo. *The gods of the city*. Monumentality and the city. Cambridge: The Harvard Architectural Review IV, 1984.

⁸ Em tempos imemoráveis, teria ocorrido uma competição entre essa deusa e o deus Ares. Quem oferecesse aos humanos presente mais útil teria uma cidade erguida em sua homenagem. Ares presenteou os humanos com o cavalo, enquanto Atena, com a oliveira. Conhecidas, até hoje, as várias utilidades da oliveira, Palas Atena ganhou a competição e, em sua homenagem e sob sua proteção, fundou-se a *polis* ateniense.

⁹ Conta a lenda que Rômulo e Remo eram filhos de uma filha do rei de Alba e do deus Marte. Um tio deles ordenou que fossem lançados no rio Tibre para, nele, morrerem. Foram, porém, salvos e sobreviveram graças ao fato de terem sido amamentados por uma loba. Ao crescerem, resolveram fundar uma nova povoação e, tirada a sorte, ficou decidido que Rômulo teria o privilégio de ser seu fundador.

identificar Maria Degolada ou Maria Conceição. Porém o cronista referiu sua morte ao ano de 1929, erradamente.

Há pouco tempo, a equipe de funcionários do Arquivo Público do Estado encontrou entre os autos findos do Cartório do Júri de Porto Alegre, março 85, n. 1.990, ano de 1899, o processo instaurado contra o soldado Bruno Soares Bicudo pela morte de sua amásia Maria Francelina Trens (ou Ternes), que permitiu a correta identificação de Maria Degolada. O fato é muito mais antigo do que se supunha, pois ocorrido em 12 de novembro de 1899, tendo sido o assassino condenado pelo Júri da capital em 8 de fevereiro de 1900. Sem ser propriamente uma santa, tanto que, antes de ser degolada, investira duas vezes contra o amante, primeiro usando uma acha de lenha e depois um cano de ferro, Maria Francelina conquistou as simpatias póstumas do povo, que a converteu em “Maria da Conceição” e quase a canonizou”¹⁰.

Nos autos da política e nos artigos de jornais da imprensa da época, encontramos versões diferentes para o caso. Os autos da política indicam, como assassino, Bruno Soares Bicudo, que era soldado do Primeiro Regimento da Cavalaria da Brigada Militar. Conforme Pesavento, “a descrição baseada no depoimento do réu faz de Maria Trens uma típica china de soldado: mulher pobre amasiada que se desloca junto com a tropa, seguindo aquele com quem vive.”¹¹

Os jornais “Correio do Povo”, “A Gazetinha”, “Jornal do Comércio” e “A Federação” noticiaram o assassinato nas edições seguintes à data do mesmo (12 de novembro de 1899), dando tom dramático ao caso. O “Correio do Povo”, por exemplo, afirmava que o assassino:

“[...] em um ímpeto de cólera, atirou-se sobre Maria Francelina e, como ela recusasse os seus beijos, ele não quis que outros o gozassem. Uma nivem de sangue passou-lhe pela vista, e muito antes que os seus companheiros pudessem obsta-lo a pratica de um crime, ele já o havia cometido, de forma horrorosa. Maria Francelina foi atirada por terra, comprimida pelo joelho do possante soldado, e uma faca afiada atravessou-lhe a garganta. A pobre mulher fora degolada”¹²

Conforme Sandra Pesavento, que analisou a repercussão do crime nos jornais de Porto Alegre, os mesmos se dividiam ora relatando um crime hediondo, onde a infeliz vítima fora barbaramente assassinada por um brigadiano, indiático e mal encarado, ora este era um pobre desgraçado, pois quem mata por ciúmes não é um miserável assassino (2008, p. 351).

¹⁰ FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1998, p. 256 a 257.

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os sete pecados da capital*. Editora Hucitec (São Paulo), 2008, p. 347.

¹² Correio do Povo, 14.11.1899

No ano de 2003, quando foram realizadas entrevistas na comunidade da Vila Maria da Conceição sobre Maria Degolada, ainda apresentam-se diversas versões sobre o caso, o que denota que o mito mantém-se em uma dinâmica de construção até os dias atuais, independente da versão oficial. Mestre Paraquedas (Eugênio Silva Alencar), músico que elaborou vários sambas-enredo para a Academia Samba Puro, a escola de samba do morro, por exemplo, afirma:

“Isso aí me toca quando eu falo porque eu sei a história dessa moça [...] Era uma menina de 14 anos que levava comida para o pai. O pai era cortador de pedra [...] naquela pedreira ali para baixo [da capela da Maria Degolada]. Ela morava parece lá para o lado da Glória e ela subia o morro para trazer comida para o pai. E aconteceu, segundo a história que eu sei, que este sujeito que matou ela, ele num primeiro dia tinha tentado ‘conversar’ ela. E ela, uma menina de 14 anos, fugiu dele. Aí, no outro dia ele já não foi para conversa, ele agarrou ela.”¹³.

Indagado sobre a probabilidade de ela ter sido uma “mulher da vida”, como retratado recentemente em uma peça de teatro em Porto Alegre, Paraquedas afirma não ser verdadeira. Conforme ele próprio e, confirmado por outros discursos de integrantes da comunidade, tratava-se de uma moça de família que foi injustamente morta. Esse fato, provavelmente, foi mais um elemento que possibilitou a sua santificação por segmentos da comunidade. Paraquedas comenta, ainda, da identificação, em sua infância, entre finais da década de 40 e início da de 50, do morro com Maria Degolada: “Da Bento nós subíamos ali pela rua [...] pegava uma estradinha [...] aí passava e meu pai dizia: Olha, aquela cruz ali – e tinha só uma cruzinha – era da Maria Degolada, a Maria da Conceição [...] ali que mataram aquela menina”.

Assim sendo, um elemento concreto favoreceu a identificação da comunidade com o mito de Maria Degolada: o fato de esse grupo de pessoas ter erigido seu espaço dentro da cidade no entorno de um local onde anteriormente havia a cruz onde fora enterrada aquela moça. Porém, esse fato, sozinho, não foi o elemento que tornou Maria Degolada mito tão importante para a identidade daquela comunidade. Perguntado sobre como veem o caso da Maria Degolada, Pedro Antônio de Souza (55 anos), um dos principais articuladores do movimento musical da Vila, fala:

“Em tudo existe uma coisa, né. Por exemplo, assim, eu sou católico, eu acredito em Deus, mas as mistificações que existem, a gente tem que acreditar, cara. Porque quem sou eu para dizer que não acredito na Santa se ela fez os milagres dela, se tu for beneficiado, eu tenho que acreditar na pessoa, porque senão não teria nome, senão não seria uma história, senão a Vila nem seria Maria da Conceição, está entendendo. Então, ela é nossa

¹³ ALENCAR, Eugênio Silva. Entrevista realizada em 08 de julho de 2003. Entrevistador: Alessander Kerber.

pioneira cara. Então eu acredito.[...] A nossa razão de vida, de coisa é aquilo ali: Maria Degolada. A Escola, tudo gira em torno de Maria da Conceição”¹⁴.

Carmen Maria Bica dos Santos (51 anos), integrante do grupo de tecelãs “Marias Marias” que também tem um trabalho musical na Vila, através de cantos de celebração afro, afirma:

“Para mim ela foi uma mulher normal como a gente. [...] Acham que ela é uma santa, que fez muitos milagres. E cada um conta uma história. No fundo, no fundo, ninguém sabe a história certa dela. [...] eu também acho que ela é uma santa, que ela está fazendo bem para as criaturas aí da comunidade, os pedidos, as promessas estão sendo tudo bem aceitos”¹⁵.

Mariza Jussara R. da Silva (58 anos), outra integrante do mesmo grupo, já tem uma versão mais influenciada pelos relatos oficiais sobre o caso, sendo uma das líderes do movimento pelo tombamento de Maria Degolada:

“Nós fizemos um movimento para o tombamento da Maria Degolada, que é uma coisa que a gente está tentando tirar o misticismo de chamar ela de ‘Degolada’, a gente buscou o histórico dela todo, ela se chama Maria Francelina e a gente conseguiu colocar isso, que é Maria Francelina e não Maria Degolada”¹⁶.

Ela prefere o nome Maria Francelina porque “Maria Degolada é forte, é uma coisa assim que dá, na gente, certa ansiedade. Não dá medo porque se desse medo ninguém estaria aqui”.

Tendo vivido desde sua infância na Vila, Mariza conta sobre os rituais sincréticos realizados para Maria Degolada.

“Eu me lembro que na época que eu era guria tinham muitas oferendas de noivas que casavam traziam da cerimônia de casamento, traziam todo o enxoval que casou, todo o vestido de noiva, o buquê, colocava ali para ela. Como tinha muita promessa de cabeça, pé, mão, pessoas que se machucavam, ficavam doentes, prometiam alguma coisa, traziam e colocavam ali para ela. Para muitos aqui ela é santa.”¹⁷.

Apesar de terem sido encontrados registros oficiais sobre o caso de Maria Degolada, sua história tornou-se um mito, comparável ao da Grécia Antiga, pois não

¹⁴ De SOUZA, Pedro Antônio. Entrevista realizada em 10 de julho de 2003. Entrevistador: Alessander Kerber.

¹⁵ SANTOS, Carmen Maria Bica dos. Entrevista realizada em 15 de julho de 2003. Entrevistador: Alessander Kerber.

¹⁶ SILVA, Mariza Jussara R. da. Entrevista realizada em 22 de julho de 2003. Entrevistador: Alessander Kerber.

¹⁷ Os anexos 1 e 2 são fotos da Capelinha de Maria Degolada, tiradas neste ano. Na foto 1, aparece seu túmulo repleto de oferendas. Na foto 2, aparecem as placas de agradecimento que moradores da Vila colocam em frente ao seu túmulo.

foi constituído por nenhuma Igreja, clero ou por livro sagrado. Apesar de haver igrejas dentro da comunidade da Maria da Conceição, o mito de Maria Degolada não foi assimilado oficialmente por nenhuma Igreja, apesar de aquela população, em suas práticas religiosas sincréticas, misturarem-na com elementos de várias religiões. Chamam-na de santa, utilizando um conceito da Igreja Católica. Porém, essa mesma Igreja nunca a reconheceu como tal.

O mito de Maria Degolada parece ter se constituído através do consenso, em uma construção coletiva da comunidade, de forma semelhante ao mito grego, como o define Vernant:

“Suas certezas não se situando no plano doutrinal, não envolvem, para o devoto, sob a pena de impiedade, a obrigação de aderir em todos os pontos e segundo a letra a um corpo de verdades definidas; basta, para que cumpra os ritos, ter fé num vasto repertório de narrativas, conhecidas desde a infância e cujas versões são bastante diversas, as variantes suficientemente numerosas para deixar a cada um uma extensa margem de interpretação. É nesse quadro e desta forma que tomam corpo as crenças em relação aos deuses e que se chega a um consenso de opiniões suficientemente seguras quanto à sua natureza, seu papel, suas exigências”¹⁸.

Independentemente da existência concreta ou não dos mitos fundadores de uma comunidade, eles só se mantêm vivos no seu imaginário quando associados à sua realidade presente. Maria Degolada, apesar de ter sido uma pessoa “real”, no sentido de concreta, tornou-se mito através de uma construção coletiva, em uma história passada de pai para filho. Independentemente da história “real” dessa moça, a importância desse mito dentro da comunidade demonstra-se na grande quantidade de placas de agradecimento e oferendas que são levadas a seu túmulo bem como, e especialmente, no fato dos mais variados integrantes da comunidade saberem sobre a sua história. Nesse sentido, Maria Degolada, além de personagem histórica, é mito fundador da identidade de uma comunidade.

Um elemento essencial que compõe a identidade dessa comunidade é a questão da exclusão social. As próprias expressões utilizadas pela comunidade para se representar demonstram essa questão. Ao se representarem, utilizando o termo “excluídos”, definem-se em oposição aos “incluídos” da cidade. Ao se representarem como “periferia”, expressão também presente no discurso de vários dos integrantes da comunidade, definem-se em oposição a uma comunidade central da cidade, em oposição a uma comunidade privilegiada que, diferente deles, tem acesso às vantagens e ao bem-estar que a cidade proporciona.

Rodrigo Corrêa de Souza (21 anos), integrante do grupo de pagode “Obsessão”, define três espaços sociais: o morro, a baixada e o asfalto. Em seu

¹⁸ VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. Papirus: Campinas (São Paulo), 1992, p. 22.

discurso, há uma relação de identidade entre o morro e a baixada, que são as duas regiões da Vila Maria da Conceição (o morro é a parte mais alta e a baixada, a mais baixa, em termos de relevo). Ao mesmo tempo, define uma relação de alteridade entre o morro e o asfalto, que representa a cidade “incluída”. O asfalto, símbolo da modernização, também serviu, no imaginário dessa comunidade, para representar a inclusão social. Apesar de algumas ruas da Vila terem recentemente sido asfaltadas, este ainda representa os espaços da sociedade de classe média, onde o poder público historicamente agiu de forma mais intensa no processo de modernização da cidade.

Maria Degolada, o mito fundador da Vila Maria da Conceição, representa essa identidade de exclusão em relação, especialmente, ao poder público. Maria foi degolada, exatamente, por um representante do poder público: um policial. Essa história, provavelmente, criou significado e continua presente no imaginário atual da comunidade em função da também continuidade de uma condição de marginalidade e exclusão social. Ao mesmo tempo, em vários discursos de moradores e outros integrantes da comunidade, mantém-se presente uma certa indignação em relação à atuação da polícia com a comunidade.

Porto Alegre, 13 de março de 2010.

ANEXOS

Anexo 1:



Anexo 2:



BIBLIOGRAFIA

- BACKZO, Bronislaw “A imaginação social”, en Enciclopédia Eunaudi. Imprensa Nacional, Lisboa, 1985, vol. 5, pp. 296-331.
- BARTHES, Roland. Mitologias. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.
- BENJAMIN, Walter “Parque Central”, en Walter Benjamin KHOTE, Flávio R (org.). Sociologia, Ática, São Paulo, 1985.
- BOIA, Lucian Pour une histoire de l’imaginaire, Blles Lettres, Paris, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Bertrand/Difel, 1989.
- CALVINO, Ítalo The gods of the city. Monumentality and the city. Cambridge, The Harvard Architectural Review IV, 1984.
- CHAUI, Marilena Brasil: mito fundador da sociedade autoritária. Ed. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2000.
- CHARTIER, Roger. A história cultural. Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.
- CHAUVEAU, Agnès y TÉTARD, Ph (org.). Questões para a história do presente. EDUSC, Bauru (São Paulo), 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes y AMADO, Janaína Usos e abusos da história oral. FGV, Rio de Janeiro, 2002.
- HALL, Stuart A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A, Rio de Janeiro, 2005.
- KERBER, Alessander. Memória musical da Vila Maria da Conceição. Editora da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre, 2004.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: UNICAMP, 1990.
- De MACEDO, Francisco Riopardense História de Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 1973.
- MONTENEGRO, Antonio Torres História oral e memória: a cultura popular revisitada. Contexto, São Paulo, 2007.
- NORA, Pierre “Entre memória e história: a problemática dos lugares.”, en Projeto História.: Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993, pp. 7 ó 28.
- OLIVEN, Ruben George Urbanização e mudança social no Brasil. Vozes, Petrópolis (Rio de Janeiro), 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os sete pecados da capital. Editora Hucitec (São Paulo), 2008.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Memória, história e cidade. Lugares no tempo, momentos no espaço.", en ArtCultura. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia (Minas Gerais), vol. 4, n° 4, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- THOMPSON, Paul The voice of the past. Oral History. Oxford University Press, Nova Iorque, 1978.